

1999

Esquerda e Direita

Ainda são Conceitos Válidos?

Pesquisa: PIBIC – CNPq

Bolsista: Danielle Fiabane

Orientador: Prof. Ruben César Keinert

Gostaria de agradecer todo o suporte dado pelo meu orientador Prof. Ruben Keinert.

Agradeço também pela oportunidade a mim apresentada pelo PIBIC/ CNPq e sua equipe, e pelo auxílio que recebi de Christina R. da Costa na etapa de levantamento bibliográfico deste estudo.

Muito Obrigada.

Índice

| | |
|---|----|
| <i>Proposta Inicial</i> | 4 |
| Formulação Do Problema Da Pesquisa | 4 |
| Justificativa Da Pesquisa | 5 |
| Objetivos Da Investigação | 5 |
| Metodologia Da Investigação | 6 |
| Cronograma Mensal | 7 |
| <i>Resumo</i> | 8 |
| <i>Os Detalhes da Origem da Dicotomia</i> | 9 |
| Cenário Pré-Revolução | 10 |
| Questionamento Do Antigo Paradigma | 13 |
| Análise dos Conceitos no Contexto da Revolução Francesa | 27 |
| <i>O Século XIX</i> | 29 |
| Revolução Industrial | 31 |
| Principais Movimentos Sociais Do Século XIX | 32 |
| Adam Smith e David Ricardo - Teoria Clássica Da Direita | 33 |
| Karl Marx - A Teoria Clássica Da Esquerda | 36 |
| Conclusão Século XIX | 39 |
| <i>Século XX</i> | 40 |
| A Revolução Russa | 40 |
| A Crise de 1929 e a Grande Depressão | 41 |
| <i>John Maynard Keynes – Uma Alternativa</i> | 42 |
| <i>Cenário Político Mundial Pós-Depressão</i> | 45 |
| <i>Contra o Inimigo Comum</i> | 46 |
| <i>A Guerra Fria</i> | 49 |
| <i>A Terceira Via - O Novo Desafio Capitalista</i> | 50 |
| <i>Opiniões Diversas</i> | 51 |
| <i>Afinal, ainda é válido falar de Esquerda vs. Direita ?</i> | 53 |
| <i>A Solidez da Dicotomia</i> | 54 |
| <i>Bibliografia</i> | 55 |

Proposta Inicial

Formulação Do Problema Da Pesquisa

O mundo mudou muito do século XIX para o século XX. Porém, desde a década de 80, essas mudanças vêm ocorrendo de forma mais veloz, constituindo verdadeiras revoluções sociais, econômicas e, portanto, políticas. Estamos vivendo um momento histórico caracterizado pela supremacia do capitalismo de estilo ocidental com uma economia regulada com base no liberalismo.

A derrocada do socialismo soviético e a falta de uma alternativa suficientemente amadurecida para se contrapor à essa supremacia do capitalismo têm levado a conclusões- talvez apressadas- sobre o fim do debate ideológico e da oposição entre Esquerda e Direita (FUKUYAMA). Em outra linha de raciocínio, vê-se ainda haver a possibilidade de confrontação às idéias dominantes, possibilidade derivada de uma estrutura lógica e ideológica que caracterizaria uma outra maneira de se pensar a sociedade. O surgimento da “terceira via” do governo de Anthony Blair, na Inglaterra, poderia ser vista como um indicador possível dessa posição.

Enfim, o problema dessa pesquisa reside na definição da validade da utilização dos conceitos de Esquerda e Direita atualmente. Buscamos isso devido ao fato de vivermos um momento histórico completamente diverso daquele existente na fase da concepção dessas idéias. Mesmo em relação aos outros contextos em que esses conceitos assumiram diferentes significados, observamos que, hoje, vivemos um cenário único em que Esquerda e Direita devem Ter seus conteúdos e validade questionados.

Será que podemos estabelecer dois extremos de ideologia política opostos ? As denominações de Esquerda e Direita ainda possuem significado? Se sim, qual é o conteúdo admitido por cada uma das posições? Como isso se relaciona com o momento social, econômico e político presente?

Justificativa Da Pesquisa

Elaborei no ano passado uma pesquisa junto ao CNPq que visava estudar o marketing hoteleiro. Essa pesquisa foi baseada em coleta de informações em campo. Desta vez, procuro fundamentar meu desenvolvimento em uma análise mais teórica e conceitual.

Acredito o debate a respeito da validade dos conceitos de Esquerda e Direita ser bastante atual. Através do artigo de Adriano Silva “Esquerda e Direita: coisas do passado?” publicado na revista Exame foi gerado o meu interesse pessoal de estar estudando o assunto.

A fim, não só de promover meios de estabelecer minha própria conclusão sobre o dilema, mas também de contribuir com a sociedade, optei por desenvolver uma análise mais aprofundada deste tema.

Objetivos Da Investigação

- Definir detalhadamente as principais noções de Esquerda e Direita desde seu surgimento até o presente momento.
 - Descobrir e relatar a forma como surgiram esses conceitos.
 - Demonstrar como esses conceitos assumiram diferentes significados, acompanhando as mudanças econômicas, sociais e políticas.
- Analisar a validade da utilização dessa dicotomia no cenário atual.
 - Verificar qual o conteúdo que está sendo atribuído hoje aos conceitos de Esquerda e Direita de acordo com o contexto histórico atual.

Não será feita nenhuma hipótese nessa pesquisa

Os **conceitos-chave** a serem trabalhados estão enquadrados na área de Ciência Política. A discussão será levada no âmbito ideológico que discute, principalmente, os conceitos de Esquerda e Direita. Sendo assim, nos depararemos, certamente, com os conceitos de Capitalismo e Comunismo como co-protagonistas do estudo. Outros aspectos-chave que virão acompanharão essa dicotomia.

Metodologia Da Investigação

A pesquisa se constará em uma análise bibliográfica e em entrevistas. Procuramos, a seguir, colocar as diferentes etapas de investigação a serem elaboradas:

- 1. Estudo da origem dos conceitos na Revolução Francesa.
- 2. Definição das fases em que os conceitos de Esquerda e Direita assumiram diferentes significados.
- 3. Para cada fase identificada, estudo comparativo entre o contexto histórico no aspecto social, econômico e político da época e os conteúdos atribuídos aos conceitos estudados.
- 4. Apresentação do cenário histórico atual e busca de uma definição da utilização dos conceitos de Esquerda e Direita de acordo com essa apresentação

Nessa etapa, também efetuaremos entrevistas com especialistas ligados à área de Ciência Política.

Cronograma Mensal

Julho, Agosto e Setembro de 1998

Estudo da origem dos conceitos na Revolução Francesa.

Definição das fases em que os conceitos de Esquerda e Direita assumiram diferentes significados.

Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 1998

Para cada fase identificada, estudo comparativo entre o contexto histórico no aspecto social, econômico e político da época e os conteúdos atribuídos aos conceitos estudados.

Período : Revolução Francesa até a Segunda Guerra Mundial

Dezembro de 1998

Preparação do Relatório Parcial

Janeiro de 1999

Entrega do Relatório Parcial

Janeiro, Fevereiro, e Março de 1999

Para cada fase identificada, estudo comparativo entre o contexto histórico no aspecto social, econômico e político da época e os conteúdos atribuídos aos conceitos estudados.

Período : Da Segunda Guerra à Atualidade

Abril e Maio de 1999

Apresentação do cenário histórico atual e busca de uma definição da utilização dos conceitos de Esquerda e Direita de acordo com essa apresentação

Nessa etapa também efetuaremos 4 entrevistas com especialistas ligados à área de Ciência Política. Buscaremos duas de visão, *a priori* constatada como de Esquerda e duas de Direita.

Preparação da Apresentação da Pesquisa para o VI Seminário de Iniciação Científica

Junho de 1999

Redação do Relatório Final

Formatação e Entrega do Relatório Final

Resumo

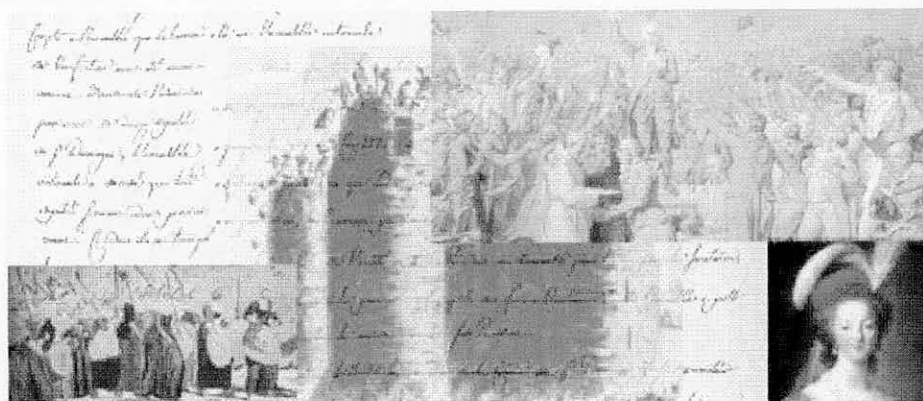
[INTRODUÇÃO] A derrocada do socialismo soviético e a falta de uma alternativa suficientemente amadurecida para se contrapor à essa supremacia do capitalismo têm levado a conclusões – talvez apressadas – sobre o fim do debate ideológico e da oposição entre Esquerda e Direita (FUKUYAMA). Procurou-se então definir a validade da utilização da dicotomia atualmente, tendo como base o fato de que vivemos um momento histórico completamente diverso daquele existente na fase de concepção dessa idéias. O mundo mudou muito nos últimos 100 anos. Historiadores como Eric Hobsbawm chegam a afirmar que “em fins da década de 80 e início da década de 90 uma era se encerrou e outra nova começou.” Sendo assim, ainda é válido falar em Esquerda e Direita? Quais são então as definições destes termos? [METODOLOGIA] Para fins de analisar completamente a evolução dos conceitos de Esquerda e Direita, optou-se por realizar um estudo histórico cronológico iniciado no período da Revolução Francesa, berço do dualismo político sendo classificado pelos conceitos aqui discutidos. Então, buscou-se indicar, nas fases marcantes da história mundial, os sentidos atribuídos à Esquerda e à Direita. O próximo passo consistiu na elucidação do momento econômico e social atual vivido em meio à globalização. Através da apresentação das principais posições políticas desta década, definiu-se o enquadramento das mesmas na bipolaridade analisada. Tendo feito um estudo teórico das diversas definições da essência do significado da dicotomia, chegou-se então em posição que possibilitou julgamento a respeito da validade da utilização dos conceitos de Esquerda e Direita e entendimento dos significados que a eles se pode atribuir de acordo com a realidade histórica vivida atualmente. [RESULTADOS] Durante a Revolução Francesa, a dicotomia nasceu de uma função espacial que distinguia os que defendiam o direito do povo e a democracia e sentavam-se à Esquerda do presidente da Assembléia Nacional dos que defendiam os direitos da realeza e o conservadorismo e sentavam-se à Direita do mencionado presidente. Desde então, as palavras Esquerda e Direita passaram a ser usadas para descrever posições políticas opostas arraigadas nas teorias fundamentais do comunismo de Marx e do liberalismo de Smith, respectivamente. A bipolaridade atingiu seu ápice na Guerra Fria. Com o fim da URSS a oposição entre o capitalismo e o comunismo acabou levando à menor polarização da dicotomia de Esquerda versus Direita. Atualmente, os sentidos são renovados apontando, com a permissão de uma simplificação, para uma Esquerda que prioriza o social, a comunidade sem perder de vista o econômico (terceira via) e uma Direita que o social ao econômico e à competição, sem desvalorizá-los, no entanto.(liberalismo-social). [CONCLUSÃO] A utilização dos conceitos de Esquerda e Direita ainda demonstram ter validade. O importante é desvendar o contexto em que os conceitos são debatidos, pois só assim pode-se desvendar o seu significado neste momento da história. A dicotomia se desprende de seu significado de berço e conquistou vida própria, adaptável e imortal. Diversas definições já foram apresentadas por renomados historiadores, políticos, economistas e filósofos. Não considerou-se necessária a defesa de uma dessas definições. A sua aplicabilidade depende que sejam inseridas e argumentadas em seus contextos.

A História da Revolução Francesa

A dicotomia entre a Esquerda e a Direita como conceitos representativos de facções opostas teve sua denominação no período da Revolução Francesa. Considera-se necessária uma identificação dos acontecimentos desta sequência de batalhas em busca dos ideais de “igualdade, liberdade e fraternidade” como forma de delinear o cenário vigente no momento do nascimento da dicotomia estudada neste trabalho. Assim, procurar-se-á, abaixo, expor não só o enredo de uma revolução primordial para a transformação não só da França como de toda a Europa, mas também descrever o processo de criação e fundamentação da Esquerda e da Direita como posições políticas divergentes.

A Revolução Francesa, como muitas outras revoluções, nasceu com grandes ideais: liberdade e igualdade para todos. Seriam abolidas a injustiça social, a superstição e a ignorância. No entanto, esta revolução se transformou numa luta entre facções que possuíam diferentes visões da sociedade ideal. Apesar de todo o sangue derramado, o marco da Revolução Francesa foram as grandes e importantes mudanças por ela geradas: caída da monarquia absolutista; a destruição do *ancien régime* e da ordem econômica e social baseada no sistema feudal; o fim dos privilégios da aristocracia; e a libertação dos camponeses de suas obrigações com seus senhores e com a igreja. Enfim, a Revolução Francesa assinalou a transição entre o feudalismo e o capitalismo, proporcionando as bases para o que viria no futuro a ser o estado moderno.

Muitos consideram a Revolução Francesa como um evento de importância mundial que ultrapassou as fronteiras da história da França. Antes dela os poderosos homens do estado estavam acostumados com pequenas rebeliões, mas nunca haviam enfrentados movimentos revolucionários. Os princípios que impulsionaram os franceses nesta revolução eram de ordem universal e, portanto, eram pertinentes à população mundial..



Cenário Pré-Revolução

A Monarquia

O absolutismo monárquico da França tinha como base a crença nos direitos divinos do rei. De acordo com esta crença, o direito de reino era uma herança de Deus e não uma vontade do povo. Assim, o rei devia responder apenas a Deus e não ao seu povo. Essa idéia pode justificar muitos dos abusos ocorridos.

O rei Louis XIV, o Rei Sol que esteve no poder durante 72 anos, pode ser considerado o maior representante da crença descrito acima. “Eu sou o Estado!”, dizia ele. O reinado de Louis XIV foi marcado por despotismo, opressão, despesas extravagantes, e guerras caras. Tudo, as custas dos impostos pesados cobrados das classes baixas. Louis XV, seu sucessor, tem seu governo lembrado pela enorme crise financeira causada não só pelo sustento dos luxos da monarquia e da corte como também pelo dinheiro empregado na Guerra dos Sete Anos em que foram perdidas as colônias francesas no Canadá e na Índia para o Reino Unido.



Em 1754 nascia Louis Augustus, aquele que viria a defrontar-se com a revolução em alguns anos. Louis XVI era um homem com caráter bondoso mas que aparentava frieza e formalidade. Sua esposa, Maria Antonieta era odiada pelos franceses devido a sua origem austríaca e aos seus hábitos extravagantes que eram bancados pelo dinheiro do povo. Maria Antonieta estava envolvida com jogatina, produzia grandes espetáculos em que ela atuava, e comprava de 3 a 4 novos vestidos por semana. Não pode-se deixar de observar que o país encontrava-se sobre dura crise financeira.

Os 3 Estados

O antigo regime foi um sistema hierárquico desenvolvido ao longo de séculos. A sociedade perante este regime era dividida em três ordens, ou estados.

Primeiro Estado: formado pelo clero que incluía desde os mais simples *curés* aos poderosos da abadia. Mesmo com o pequeno número de membros no clero

(por volta de cem mil) o Catolicismo detinha muito poder na França. Mais de dez por cento das terras eram de propriedade da igreja.

Segundo Estado: formado pela aristocracia e pela nobreza. Diferentemente do que nos parece, nem todos aristocratas eram ricos. Alguns herdavam seus títulos mas tinham que trabalhar para sobreviver e moravam em modestas casas de campo. Os privilégios aos quais eles tinham direitos eram constantemente lembrados. No entanto, seus deveres e obrigações estavam esquecidos a tempo.

O Primeiro e Segundo Estado representavam apenas 4% da população e detinham todos os privilégios, controlando as terras, o exército e os principais cargos administrativos. Mas, sua grande vantagem era a isenção fiscal, que lhes permitia viver das rendas obtidas através de dízimos, pensões e explorações dos direitos servis.

Terceiro Estado: formado pelo resto da população. Este estado pode ser dividido em três outros grupos. Os camponeses (80% da população), do primeiro grupo, além de cultivar sua terra (muitas vezes alugada dos aristocratas), também se viam obrigados a trabalhar na cidade para complementar suas rendas. Os camponeses tinham vidas bastante difíceis. O segundo grupo é formado pelos trabalhadores urbanos (16% da população) cujas atividades estavam centradas nas fábricas de tecido, vidro ou de outros bens. Mesmo com seu reduzido número, este grupo teve enorme importância na revolução através de seus motins, por ser o que mais sofria com os baixos salários e faltas de pão. O último grupo era composto pela classe média, ou pelos burgueses. Estes, eram os artesãos, ricos comerciantes, médicos e advogados, ou seja, aqueles que necessitavam oferecer trabalho manual para viver.

A sociedade do século XVIII na França apresentava um alto nível de desigualdade social. A hierarquia social tinham em seu topo a realeza, ricos aristocratas, e poderosos do clero. Alguns desta classe hospedavam-se em Versaille, e todos eram beneficiários de privilégios. Apenas aristocratas podiam ser da igreja, comandar regimentos no exército, ou tornarem-se embaixadores. Além disso, não pagavam a maioria dos impostos.

Na classe média configuravam-se os comerciantes e homens de negócios que sonhavam em ser aristocratas através da compra de títulos. A inveja em relação aos privilégios da nobreza era de forte magnitude levando muitos afirmar que o

que esta classe buscava na revolução era mais igualdade e não tanto a liberdade. Igualdade para ser como os privilegiados aristocratas.

No chão da hierarquia estavam os trabalhadores rurais e urbanos que pagavam impostos exorbitantes e mal podiam se alimentar. Entre os impostos pagos estavam o *taille*, imposto sobre a terra, o *gabelle*, sobre o sal (mesmo se eles não precisavam de sal), e o *corvées royales*, para a manutenção das estradas. Pagamentos também deviam ser feitos aos senhores feudais. A igreja era outra instituição que requeria que certas taxas como o *tithe* fossem pagas. O serviço militar era obrigatório para as pessoas desta classe. Haverá ainda um momento da revolução em que até mulheres e crianças foram recrutadas para lutar em defesa da França.

Questionamento Do Antigo Paradigma

Estas anomalias como o absolutismo e a desigualdade social absurda estavam levando os desprivilegiados a criar um crescente ódio em relação às outras classes enquanto filósofos começavam a propor novas formas de ser organizar a sociedade. Rousseau, Voltaire e Montesquieu são os pensadores mais lembrados desta época. Observa-se as idéias de Rousseau que seriam alicerce daquelas de Robespierre e dos Jacobinos mais adiante. Ele sugeriu a formação de um “contrato social” entre o governo e o povo. Sob este contrato todos possuíam direitos iguais e deviam responder cada qual às suas responsabilidades. Nesta mesma época muitos cientistas iniciavam discussões sobre as leis naturais que determinavam, além do movimento dos planetas e a gravidade, a forma da sociedade se organizar. O contrato social era reflexo do que ele acreditava serem as leis naturais e constituiu a primeira forma de constituição para uma monarquia que deveria responder ao povo e não a Deus. Voltaire ficou conhecido por contrariar a igreja condenando-a por impossibilitar os indivíduos de questionar antigas idéias e assim, impedi-los de buscar o descobrimento das leis naturais. Por outro lado, Voltaire, assim como Montesquieu não acreditava que o povo comum estava capacitado para a liberdade completa proposta por Rousseau.

Enfim, era uma época de questionamentos. Idéias eram discutidas e difundidas entre a classe média letrada e até mesmo entre alguns aristocratas mais liberais como Marquis de Lafayette, Honoré de Mirabeau e o Duke d’Aiguillon-homens cujas presenças na revolução viriam a ser bastante importante.

A insatisfação era generalizada. Aristocratas buscavam uma monarquia limitada para que pudessem dividir o poder com o rei. Burgueses invejavam os privilégios dos aristocratas. Camponeses e trabalhadores urbanos não conseguiam mais pagar os impostos abusivos e estavam cansados de suas péssimas condições de vida. Mesmo assim, poucos acreditavam na revolução que estava por vir.

Ao assumir o trono, Louis XVI tomou medidas que pareciam prever uma nova era. Logo revocou o *parlement* e trocou alguns de seus ministros. Os *parlements* eram de número treze e consistiam em tribunais de justiça liderados por advogados e magistrados, cujas responsabilidades abrigavam o registro de decretos reais antes de torná-los lei. Louis XV havia extinguido os *parlements*

devido ao fato deles terem se recusado a registrar certos decretos que não lhes agradavam.

Anne-Roert Turgot, homem popular dentre a classe média que foi chamado a ser ministro das finanças, teve pouco tempo no governo devido às suas sugestões de retirar restrições ao comércio, cobrar impostos dos nobres e da igreja e redistribuir o excedente de grãos. Jacques Necker foi seu substituto. Este buscou o corte no orçamento do governo, sentiu que estava sem autoridade suficiente para exercer seu cargo e então, pediu demissão. Veio assim, Charles -Alexandre de Calonne que também mostrou que a única saída para a crise financeira era cobrar impostos dos aristocratas e do clero. Essa medida nunca seria aprovada pelo *parlement* e a convocação da Assembleia dos Notáveis também foi inútil. A última opção foi a convocação da Assembléia dos Estados Gerais mesmo contra a vontade do rei. A Assembléia dos Estados Gerais consistia de um corpo conselheiro de representantes dos três estados que estava extinta a 175 anos devido aos absolutismo da monarquia. Ao permitir o re-estabelecimento das Assembléia dos Estados Gerais, Louis XVI sabia que estava perdendo poder abrindo caminho para uma monarquia limitada e para a revolução.

A primeira reunião da Assembléia dos Estados Gerais deu-se no seguinte cenário: falta de pão, desemprego, miséria, fome, e muita gente brava acusando a aristocracia de retenção dos grãos para garantir poder político.

A Revolução Começa

A declaração da convocação da Assembléia dos Estados Gerais fez com que discussões políticas se difundissem no país. A busca por candidaturas impôs a clareza das propostas um dos estados. Não de idéias entre as compunham cada Havia disputas entre conservadores e até membros do clero. sociedade se viu diante era necessária a formação de uma opinião política entre as opções dos três estados. Cerca de vinte panfletos eram impressos por dia, sendo a maioria a favor da liberdade enquanto os oradores começavam a ganhar atenção no Palais Royal.



e das idéias de cada havia unanimidade pessoas que grupo representante. aristocratas liberais e mesmo entre Entretanto, a de uma fase em que

Seria justamente nessa primeira reunião da Assembléia dos Estados Gerais que as classes sociais se solidificariam em duas facções. Marca-se aqui a origem desconhecida da dicotomia discutida neste estudo. Como era de costume, o clero e a aristocracia juntariam seus votos para derrubar qualquer proposta que beneficiaria ao Terceiro Estado. A representatividade do povo na Assembléia dos Estados Gerais era injusta, pois não era levada em conta a necessidade da proporcionalidade do número de representantes em relação à população constituinte daquele estado. Havia um voto para cada um dos três estados. Dessa forma, era sempre constatada a vitória dos interesses das classes privilegiadas. A guerra agora seria entre o Terceiro Estado e as outras duas ordens.

Por sugestão de Abbé Emmanuel-Joseph Sièyes, um grande panfleteiro membro do clero que possuía Terceiro Estado exigiu a presença de um maior número Estados Gerais já que a era infinitamente maior que a O rei permitiu o aumento do recusou a votação individual.



compaixão pelos pobres, o votação “por cabeça” e a de deputados na Assembléia dos população representada por eles população clerical e aristocrática. número de deputados mas, Sendo assim, o Terceiro Estado,

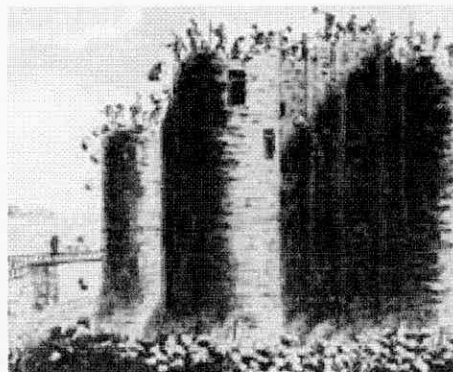
com o apoio de alguns antigos membros do clero, formou a Assembléia Nacional declarando-a o verdadeiro corpo representativo da França. Assim, o Terceiro Estado reunindo-se no hall de Versaille, começou a pensar na elaboração de uma constituição.

Um certo dia o rei, por pressão da nobreza, ordenou que trancassem o hall onde a Assembléia costumava se reunir. De nada isso adiantou, seus deputados foram liderados por Gabriel Riqueti de Mirabeu, homem de grande importância para a Revolução, até a quadra de tennis do palácio. Lá foi feito o famoso “Juramento da Quadra de Tennis” em que os deputados do Terceiro Estado prometeram não dispersar até que fosse desenvolvido um rascunho da constituição.

Este juramento foi o elemento propulsor da energia que fez com que os deputados do Terceiro Estado se recusassem a sair do salão da Assembléia dos Estados Gerais até que a discussão e a votação individual fossem feitas com a presença dos três grupos. Finalmente, com tal insistência, o rei se entregou aos pedidos da Assembléia Nacional que então estava sendo reconhecida como a verdadeira representante do povo na França. Neste ponto começa a Revolução Francesa.

A Tomada Da Bastilha

Em 1789 a cidade de Paris representava muito bem a desigualdade social e as raízes da repartição de estilos de vida em mesmo sua geografia dois extremos. Na se os nobre e os Na Seção II, ao redor classe trabalhadora. se encontravam no construído pelo Duke de um grande inimigo achava desde livrarias e cafés até espetáculos e oradores enérgicos em cima das mesas.



opiniões políticas e duas facções. Até estava dividida em Seção I encontravam-burgueses mais ricos. da cidade, ficava a Estes dois grupo só Palais Royal, d'Orleans (sobrinho do rei), onde se

Ao perceber que estava perdendo força para a Assembléia Nacional, o rei cedeu às pressões da nobreza e demitiu o ministro Necker que era muito bem visto pelo Terceiro Estado. Além disso ele colocou seus guardas em estado de alerta ao redor da cidade. Então, Camille Desmoulins, amigo de Mirabeau, fez um fervoroso discurso no Palais Royal, provocou fúria no povo, e gerou vários motins. Neste momento Desmoulins também estabeleceu que aqueles a favor da liberdade deveriam usar um cockar verde nas abas de seus chapéus.



Em resposta a crise alguns cidadãos respeitáveis de Paris se juntaram para proteger os interesses dos proprietários de terra tanto contra as tropas do governo quanto dos motins do povo. Formava-se a *Paris Electors* cujas cores de seus cockares seriam o vermelho e o azul.

Os motins tomaram tamanha dimensão que no dia seguinte eles decidiram invadir o Hôtel Invalides onde estava todo o arsenal do exercito da França. O rei, prevenido, tinha mandado a munição para a Bastilha, um forte utilizado na época para abrigar prisioneiros políticos. Nem a grandeza e imponência da Bastilha seguiu o povo. Após tentar lutar, o comandante se declarou vencido e abaixou as pontes do forte para que o povo entrasse. Nesse episódio o recém-formado *Paris Electors* apoiou o povo pedindo que Launay, o comadante não resistisse e se entregasse. Launay foi decapitado e teve sua cabeça exposta no Palais Royal como símbolo de vitória do Terceiro Estado.



O *Paris Electors* aproveitou a situação, tomou a prefeitura de Paris, declarou-se agora a Comuna de Paris, nomeou Jean Sylvain Bailly prefeito e transformou a milícia de Paris na Guarda Nacional. Louis XVI readmitiu Necker como ministro das finanças e foi para Paris achando que nunca mais voltaria para Versaille. Bailly o recebeu calorosamente entregando-o um cockar vermelho, branco e azul, as cores da Revolução (branco- Bourbons, vermelho e azul - Paris). Louis colocou o símbolo em seu chapéu como demonstração de ter aceitado uma Revolução que parecia estar completa.

Os Sansculotte

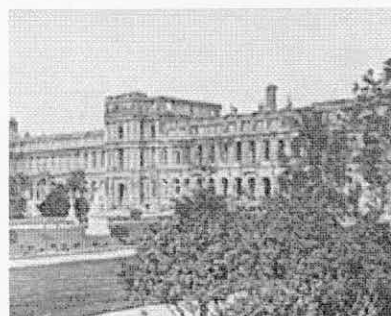
No entanto, a situação para a classe baixa só fazia piorar. Havia fome, leis feudais, desemprego e miséria. A queda da bastilha impulsionou os camponeses e os trabalhadores urbanos a começar a fazer justiça com as próprias mãos. A revolta popular deu-se em termos de muita violência com invasões de castelos e assaltos. A classe trabalhadora, que viria a ter um papel de peso mais adiante na revolução, ficou conhecida como os “sansculotte” devido às suas vestimentas. Revoltas municipais dos burgueses contra aristocratas também se romperam. Enfim, atingiu-se um estado de pânico histórico e generalizado, pois a violência era muito grande estava disseminada por todo país.

A Assembléia Nacional percebeu que era necessária a restauração da ordem para o estabelecimento de um governo estável. Seguindo o exemplo do Duke d'Aiguillon, outros proprietários de terra resolveram dar concessões aos camponeses. O ancién regime quase desaparece.

Antes de começar a fazer uma constituição a Assembléia preparou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão que acabava com privilégios e com o absolutismo. Com medo da reação do rei que não aceitou a declaração, forçaram-no a mudar-se para Paris com sua família.

Manège: Esquerda, Direita e Centro

A Assembléia Nacional, acompanhando o rei em sua mudança para Paris, tem como seu novo salão de reunião o Manège, situado logo atrás do palácio de Tuileries onde moraria o rei daí em diante. A configuração de Esquerda, Direta e Centro ocorreu



justamente devido à forma como eram organizadas as cadeiras neste novo salão.

À esquerda do presidente da Assembléia sentavam-se aqueles que defendiam os direitos do povo através da proposta de um governo democrático no qual todos homens tinham direito ao voto. À direita estavam os conservadores, representantes da realeza que desejavam o fim da revolução e a permanência do sistema de privilégios. E, ao centro ficavam os que eram a favor de uma monarquia constitucional com o poder do rei limitado pelas leis feitas pela Assembléia.

Não existiam partidos ticos até então na França. No entanto, aos poucos, formaram-se três clubes políticos principais: Jacobinos, Feuillants e Cordeleiros. No início, com a liderança de Lafayette, os Jacobinos tinham um perfil liberal moderado. A entrada de Maximilien Robespierre radicalizou os Jacobinos levando Lafayette a sair e formar seu próprio clube chamado de Feuillants. Os Cordeleiros eram os sansculotte, trabalhadores, comerciantes e artesãos. Dentre seus líderes estavam Georges Danton, Jean Paul Marat e Camille Desmoulins.

A nova constituição estava em andamento. Reformas foram feitas no administrativo e judiciário. Havia liberdade, porém não havia igualdade. Os deputados continuavam a ser os burgueses enquanto os sansculotte eram deixados de lado. A crise econômica só piorava. Os camponeses, agora armados, se recusavam a pagar os impostos. *(Abaixo, Robespierre, Danton, Marat e Desmoulins)*



Finalmente, a Assembléia optou por desapropriar os bens da igreja, vendê-los e utilizar o dinheiro para saldar as dívidas do governo. A reforma da igreja obrigou o estado a se responsabilizar por antigos deveres dela como educação, caridade e os salários dos padres. O alto clero protestou muito, mas de nada adiantou. Na Constituição Civil do Clero declarou-se que os padres seriam eleitos pelo povo e deviam responder ao governo da França e não mais ao papa em Roma. Aqueles padres que se recusaram a fazer um juramento à nação ficaram conhecidos como os padres refratários que apoiavam a contra-

revolução. Muitos franceses cuja fé no Catolicismo era forte ficaram ofendidos e se juntaram ao movimento contra-revolucionário.

Este movimento ganhou peso quando alguns dos aristocratas que haviam emigrado para outros países europeus, com a esperança de conseguir apoio militar para recapturar seu país e retomar seus privilégios, começaram a instigar a Europa contra a revolução. A Espanha e a Prússia colocaram seus exércitos em suas fronteiras para evitar que a revolução se espalhasse para seus países.



Neste meio de tensão, Louis XVI tenta fugir para a Áustria, país de Maria Antonieta, mas é flagrado e julgado por muitos traidor da França. Mas, a Assembléia opta, contra a vontade dos Cordeiros e dos Jacobinos, por inocentar o rei portanto que ele aceitasse a versão completa da constituição. Essa medida distanciou ainda mais a burguesia, que queria uma monarquia constitucional, dos sansculotes, que queriam um governo republicano. A aristocracia e os contrarrevolucionários eram inimigos comuns, mas cada vez mais cada grupo passava a ver o outro como um inimigo também. A Assembléia, com a maioria burguesa decide então ordenar o fechamento do clube dos Cordeiros. Essa foi a última ação da Assembléia que se dissolveria logo após o reconhecimento oficial da constituição pelo rei em 30 de setembro de 1791.

Enquanto isso, o movimento contra-revolucionário ganhava força através dos espiões emigrés, dos monarquistas, dos padres refratários e, principalmente, dos monarcas dos países vizinhos como Áustria e Prússia. A inflação subia, faltava comida e outros artigos de primeira necessidade como sabão. Motins por comida eram constantes.

Foi nesse cenário que ocorreu a primeira reunião da Assembléia Legislativa Francesa. Antigos membros da Assembléia Nacional estavam impedidos de participar. A Esquerda era representada por jovens vindos da província de Gironda que pertenciam ao clube dos Jacobinos. Com sua boa oratória, os Girondinos formavam o grupo de maior poder na nova Assembléia. As teorias de Rousseau eram o alicerce ideológico destes jovens liderados por Jacques Brissot. À direita estavam os Feuillantes de Lafayette, antigo grupo de centro da Assembléia Nacional. Com o apoio de alguns ex-Jacobinos os Feuillants buscavam a monarquia constitucional, eram contra o antigo regime e contra a democracia. Desta vez, no centro configuravam-se aqueles a favor da constituição, sem ideais políticos e sem líderes.

A maior discussão dos Girondinos girava em torno da opção por declarar guerra ou não aos países contra-revolucionários. O rei, Louis XVI, tinha na guerra a esperança de retomar seu poder. Robespierre era contra a guerra, pois temia que algum general ambicioso tomasse o poder. Mas, Brissot era a favor da guerra por imaginar poder espalhar o sentimento revolucionário para outros países da Europa. Devido a esse desacordo, os Jacobinos de Robespierre se separaram dos Girondinos de Brissot.

A guerra foi declarada contra a Áustria no dia 20 de abril de 1792 e foi um desastre devido ao despreparo do exército francês. Os Girondinos que apoiavam a guerra perderam o suporte popular sendo acusados de agentes da corte pelos Jacobinos. Os Jacobinos, por outro lado, eram acusados de contra-revolucionários por terem temido a guerra. Os sansculotte ganhavam força e eram instigados pelos discursos de violência do jornalista Marat. Eles invadiram Tuilliers e forçaram o rei a usar um chapéu vermelho, marco dos sansculottes revolucionários.

A Áustria tornava-se um verdadeiro perigo levando Jacobinos e Girondinos a pedirem trégua para juntarem suas forças. A Guarda Nacional foi convocada a Paris. Os sansculotte viam os *federés*, soldados da Guarda Nacional, como heróis republicanos. Já, outros os consideravam uma gangue infernal de assassinos. Todos indivíduos armados deviam se alistar. De repente, a Guarda Nacional parecia um exercito dos sansculotte. A Áustria promete atacar Paris caso algum mal seja feito à família real.

Ao mesmo tempo, em um distrito de Paris a primeiro passo para a democracia foi tomado. Foi abolida a diferença feita entre cidadãos ativos, que pagavam impostos, e cidadãos passivos que não conseguiam arcar com estes impostos. Todos agora teriam direito ao voto.

Com a liderança de Danton, é formada a Associação Municipal Revolucionária. Cada vez mais os distritos de Paris vinham agindo independentemente da Comuna e, com a Associação, eles passaram a exigir a deposição do rei. Caso contrário, eles tomariam uma atitude. A Comuna de Paris é dissolvida e a Comuna Insurrecional assume a prefeitura da cidade que antes era dos burgueses e que agora era dos artesãos sansculotte.

No dia 10 de agosto, então, os *federés* e outros 20,000 cidadãos invadem o Palácio de Tuilliers e deixam um saldo de 1200 mortos. A Comuna Insurrecional vota a deposição e a prisão do rei e de sua família.

O rei estava derrotado, a Assembléia Legislativa perdeu muitos de seus membros e de sua força, enfim, o poder era do povo representado pela Comuna Insurrecional. Forma-se o Comitê Executivo do qual participam antigos ministros Girondinos do rei e Danton. Danton propunha uma aliança entre os líderes revolucionários.

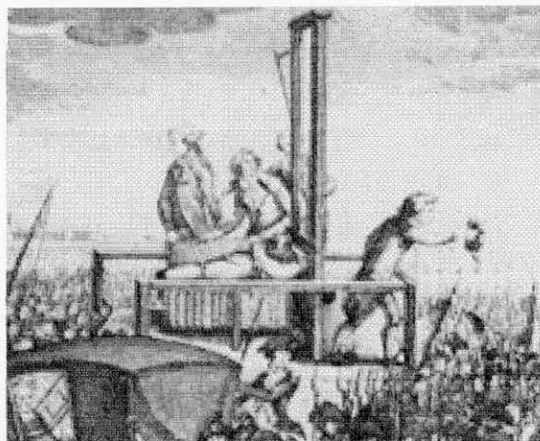
Instalou-se a opressão dos contra-revolucionários através da formação de uma *Comissão de Vigília*. Uma nova Assembléia seria estabelecida e seu nome seria Convenção Nacional Democrática. Os deputados seriam eleitos por todos os homens maiores de idade e tinham como sua primeira responsabilidade a elaboração de uma constituição para um governo democrático republicano.

Áustria e Prússia passam a fronteira francesa conforme prometido. Cria-se uma maior necessidade de recrutamento para o exército. Paris estava em estado de terror em que até mesmo um laço de parentesco com um aristocrata poderia tornar uma pessoa suspeita de contra-revolucionário e levá-la ao Tribunal Revolucionário. Este tribunal fora criado para julgar os acusados de traição. Com o incentivo dos discursos de Danton e Marat, durante 5 dias consecutivos ocorre a matança dos suspeitos de estarem contra a revolução. Mil e quatrocentas pessoas entre padres refratários e aristocratas foram assassinadas pelos participantes dos motins.

A França vence a guerra e logo em seguida ocorre a primeira reunião da Convenção Nacional Democrática. Entre seus novos deputados eleitos figuravam os radicais Robespierre, Desmoulins, Saint-Just, Marat e Herbet. A Esquerda era representada pelos Jacobinos que tinham o apoio dos sansculotte. Os Girondinos agora eram a Direita da classe média rica que defendia basicamente os interesses das províncias. Eles acusavam os Jacobinos de responsáveis pelos massacres e chegavam a fazer insultos pessoais. Danton não gostando da atitude de seus colegas Girondinos (Danton buscava a união dos revolucionários), passou a fazer parte do grupo dos Jacobinos. Ao Centro estava a grande maioria que não apoiava nem os Jacobinos nem os Girondinos.

Mesmo com idéias diferentes, todas facções concordaram em abolir de vez a monarquia, não só o rei, mas sua posição. Até mesmo um novo calendário republicano começaria a ser usado a partir do dia da primeira reunião da Convenção. Um mês depois o rei foi acusado de traição e julgado à morte.

Nações européias se chocam com o assassinato do rei e a França entram em guerra não só a Áustria e a Prússia mas também a Inglaterra, Holanda e Espanha. Enquanto o general Girondino Dumouriez ganhava a guerra seu grupo possuía o apoio popular. Mas, a comida começa a faltar de novo, o custo de vida subia e os primeiros a sofrerem com isso eram os sansculotte. Eles pedem o controle de preços pelo governo.

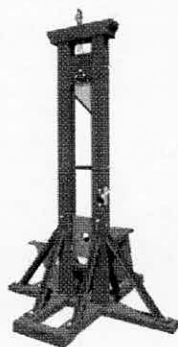


Na primavera de 1793 Demouriez é obrigado a recuar e com ele recua também a imagem do governo fraco dos Girondinos. Os deputados de apoio ao Jacobinos tentam amenizar a crise. Dentre elas a oficialização dos Tribunal Revolucionário para julgar suspeitos de serem contra-revolucionários e a formação do Comitê de Salvação Pública, responsável por estabelecer um elo entre a Convenção e o Comitê Executivo. Dessa forma os Jacobinos passaram a dominar o Comitê Executivo também.

A queda do governo Girondino veio em seguida. Marat sugere a prisão dos Girondinos da Convenção e é levado ao Tribunal. No entanto, o povo o amava e esse evento só fez aumentar a impopularidade dos Girondinos que então se voltaram contra a Comuna Insurrecional. Herbet, um dos deputados radicais da Comuna foi preso. Robespierre, revoltado, agita o povo para demandar a prisão dos deputados Girondinos. E, com enorme apoio popular, finalmente os Jacobinos vencem os Girondinos e passam a governar a França através do Comitê de Salvação Pública.

O Reino Do Terror

A França ainda estava em crise. Os sansculotte demandavam pão e justiça ferozmente. Os maraquistas e os Girondinos que fugiram de Paris incitavam revoltas nas províncias. E, os inimigos externos continuavam seus ataques às fronteiras francesas. A oportunidade que Robespierre tanto aguardara havia finalmente chegado.



Danton, que havia tentado inutilmente usar da diplomacia para sair da crise, deixa a liderança do Comitê de Salvação Pública para Robespierre que usará da força. Com Marat assassinado por uma

Girondina, Robespierre é o líder único dos Jacobinos e da revolução. O Comitê de Salvação Pública assume o governo e mantém os elementos opressivos criados para o período de guerra, como o *Comissão de Vigília* e o Tribunal Revolucionário. A nova constituição foi adiada até que se restaurasse a ordem no país.

O exército francês não estava mais obtendo êxito. Os generais mal sucedidos foram executados após terem sido julgados culpados por traição pelo Tribunal Revolucionário. Com o desfalque das tropas e a pressão dos radicais "Hebertistas" o governo anunciou o recrutamento de todos os cidadãos da França - inclusive mulheres e crianças - para lutar na guerra.



Os radicais temiam não apenas a falta de pão como também um plano aristocrático. Pediam o controle de preços e a prisão de todos suspeitos de contra-revolução. A Convenção aprova as demandas do radicais. A Lei do Suspeito permite que qualquer um pode ser julgado e punido pelo Tribunal Revolucionário. Parentes dos émigrés, amigos daqueles que estavam sendo punidos e qualquer pessoa que demonstrasse simpatia por eles poderiam ser julgados. O Terror foi estabelecido e controlado pelo Comitê de Salvação Pública, órgão liderado por Robespierre que era auxiliado por Saint-Just e Georges Couthon.

Os efeitos sociais da revolução são interessantes de serem notados. Crianças não possuíam mais nomes cristãos; um novo calendário era usado; uma moda diferente dominava Paris - vermelho, azul e branco estavam em alta - ; até mesmo uma nova linguagem passou a ser usada - *monsier* e *madam* foram substituídos por *citzen* e *citzeness*. No Terror o simples emprego da palavra *monsier* podia levar uma pessoa ao Tribunal.

Na *Place de la Revolution* a guilhotina não parava. Em outubro de 1793 Maria Antonieta foi executada. Os Girondinos, incluindo o ex-prefeito Bailley, foram executados. O Duke D'Orleans, que construíra o Palais Royal, executado. De repente a justiça não era mais necessária e o Terror dominava. Os julgamentos passaram a ser feitos em montes de até 50 réus. Em alguns lugares houve até massacre com canhão e afogamento de 2000 pessoas de uma única vez.

Robespierre começa a notar que o exagero do Terror e da des-cristianização apoiados pelos Herbetistas poderia dar força para o movimento contra-revolucionário. Outra observação dele foi a respeito da necessidade de uma

religião para o desenvolvimento de um Estado virtuoso. Então ele decidiu que faria um enorme Festival buscando atrair novos adeptos para sua nova religião - o Culto ao Ser Superior.

Danton volta a Paris após ter estado seis semanas em sua terra natal e fica horrorizado com o Terror. Os Herbetistas, controladores do clube Jacobino no momento, são contra a amenização do Terror proposta por Robespierre através do Comitê de Clemência. Este Comitê foi composto para revisar as acusações feitas contra os que estavam na prisão.

Robespierre decide livrar-se de Danton que detinha muito poder com o povo e com os Herbertistas acusados de um plano estrangeiro que no fundo era contra-revolucionário. Assim, Danton, Desmoulins e Fabre dentre outros são guilhotinados contra a opinião popular.

No mesmo mês do Festival religioso um decreto aumentou o leque de possibilidades de se considerar um indivíduo suspeito. Robespierre começou a ser visto como um ditador tirano. O povo não agüentava mais assistir calado àquele massacre. Robespierre ataca declarando na Convenção que anunciaria, no dia seguinte, uma lista de uma conspiração descoberta.

Para impedir a divulgação desta lista, os inimigos de Robespierre prendem não só ele como também Saint-Justus e Couthon. No entanto, a Comuna Insurrecional dos radicais consegue libertá-lo. O povo então busca Robespierre na prefeitura. Ele tenta suicídio, mas apenas atinge sua mandíbula. Assim, os três principais membros do Comitê de Segurança Pública são julgados e guilhotinados.

Os Últimos Anos

Com o fim do Terror e com a morte de Robespierre, o Comitê de Salvação Pública perdeu seu poder. Os Girondinos começam a reaparecer. O Tribunal Revolucionário está mais ameno com o fim da Lei dos Suspeitos. Muitos prisioneiros são libertados enquanto outros responsáveis pelo Terror são executados. Os clubes Jacobinos são fechados. Os preços e os salários sobem. Os sansculotte apresentam duas tentativas de marchas contra a fome que são frustradas pela ação da Guarda Nacional. Enfim, o sentimento político tende à Direita.

A burguesia volta a expor seus hábitos extravagantes indo a espetáculos, restaurantes, teatros e salões de jogos. Mulheres elegantemente vestidas e com

elaborados penteados passeiam pelas ruas de Paris em suas carruagens chiques. Já se fora a época da simplicidade.

No entanto a violência permaneceu sob forma de um Terror da Direita, o Terror Branco. As táticas dos sansculotte são adotadas por um grupo de jovens da classe média chamado *Jeunesse Dorée* que atacavam esquerdistas e seus símbolos. Ninguém mais ousava usar os chapéus vermelhos dos sansculotte. Os clubes Jacobinos foram vandalizados e fechados.

A constituição que veio em 1795 foi elaborada por uma convenção moderada que era contra o ancién-regime e contra a revolta da classe trabalhadora. Foi criado um Poder Executivo que seria composto por uma Diretoria de cinco pessoas. O voto voltou a ser privilégio dos proprietários. A igualdade já não mais existia.

Os problemas da França continuavam os mesmos: falta de comida; custo de vida 30 vezes mais alto que em 1790; perigo e ameaça dos poderes estrangeiros; enfim, caos econômico.

A população desistira do furor do sentimento político. Os franceses estavam cansados. Os monarquistas demandavam a volta da realeza. Os esquerdistas buscavam a deposição da nova Diretoria Direitista. Os ricos só se interessavam em se divertir enquanto os pobres queriam pão.

A posição de esquerda mais extrema foi a de François-Noël Babeuf que propôs o socialismo como forma de governo. A propriedade comum da terra e dos alimentos e a igual distribuição de comida eram alguns de seus pontos. Ele insistia que apenas a violência poderia estabelecer esta forma de socialismo. Babeuf foi preso e executado.

Os monarquistas ainda tentaram atacar a convenção, mas, com o apoio do exército, o governo impossibilitou a revolta. O oficial desta artilharia era um jovem chamado Napoléon Bonaparte. No entanto os monarquistas conquistaram muitas cadeiras nas eleições para a Assembléia Legislativa e isso representava um forte perigo contra a Diretoria.

O exército então é chamado novamente para ajudar o governo a realizar um golpe de estado e acabar com os monarquistas. Napoleão nomeou o general Pierre Augereau para tal tarefa. O golpe foi um sucesso, mas aumentou a dependência do governo em relação ao exército.



Napoleão conquista a Itália em nome da França. Mas, o exército francês falha contra a Inglaterra no Egito.

Os impostos sobem mas não acabam com os problemas da crise financeira. O povo estava cada vez mais insatisfeito com a Diretoria. Os esquerdistas Jacobinos ressurgem com a liderança do panfletista Abbé Sièyes. A burguesia, com medo de perder seus direitos de proprietários buscavam um líder forte e imponente que estabilizasse de vez o governo. Sièyes então chamou Napoleão Bonaparte para ajudá-lo a tomar o poder.

Os conspiradores, assim, assumem o controle do governo à força. Sièyes, Roger Ducos e Bonaparte são nomeados os três cônsules do poder executivo francês. Rapidamente, Napoleão sobe ao posto de primeiro cônsul e oculta a existência dos outros dois cônsules. Acontecera o que Maximilien Robespierre mais temera: a Revolução Francesa acabava com um ditador militar no poder.

Análise dos Conceitos no Contexto da Revolução Francesa

Existe um ponto de extrema importância que deve ser destacado em relação à dinâmica da dicotomia que este estudo pretende desvendar: a sua flexibilidade. Através do processo de conhecimento da origem dos conceitos de Esquerda e Direita durante o período da Revolução Francesa pode-se observar a constante troca de posição dos recém gerados partidos políticos. Quando as reuniões se instalaram no Manège, por exemplo, os Cordeleiros, Jacobinos e Girondinos representavam a aliança da esquerda que defendia o povo, a revolução em busca de um governo democrático e o direito do voto a todos. Os Feuillants, partido recém formado por ex-Jacobinos, estavam ao centro defendendo uma monarquia constitucional. Já, a Direita conservadora e contra-revolucionária sustentava a permanência do sistema de privilégios, apoiando a realeza. Mais adiante, quando da composição da Assembléia Nacional, os antigos Feuillants do centro passam a ser representantes da Direita. Ficam ao centro aqueles sem ideais, sem líderes. Nestes momentos, nota-se, a conquista do poder está alicerçada na conquista do centro, posição que engloba grande parte dos indecisos suscetíveis a mudança de opiniões. Dando continuidade à justificativa da importância da flexibilidade da dinâmica da dicotomia estudada, observa-se não só a mudança de posição dos Feuillants, mas também dos Girondinos. Este partido político em Manège estava à esquerda. Com o decorrer da história, no entanto, na Convenção Nacional Democrática os Girondinos debatiam a favor dos interesses da classe média rica de Direita.

Enfim, os significados de Esquerda e Direita não sofrem muitas mudanças. A Esquerda sempre representou, na Revolução Francesa, a união do povo em oposição ao governo. Em certos momentos, pode-se estabelecer um vínculo com a radicalização e a violência. Mas, não afirmaria que a violência seja marco da Esquerda, como algumas das muitas teorias apresentadas até hoje sobre estes conceitos pregam¹. A Direita, por sua vez, alcança aspectos contra-revolucionários e de manutenção do governo presente. Seus representantes geralmente são os mais afortunados com a estrutura social, política e econômica da época. No Centro sempre restam aqueles sem definição exata de sua participação no contexto político da sociedade em que estão. Isso, porém, não os relega à indiferença. Muito pelo contrário, o apoio do Centro aparece como algo cobiçado e de grande importância.

¹ Bobbio, Norberto – Direita e Esquerda, Razões e Significados de uma Distinção Política

As mudanças ocorrem no plano da posição assumida pelos partidos políticos em cada momento da história. Está aí a complexidade da utilização dos termos Esquerda e Direita. Nesta fase inicial da pesquisa parece que os significados dos conceitos não sofrem transformações e sim, apenas períodos de acentuação ou de amenização de suas idéias base. A violência está geralmente vinculada aos períodos de acentuação.

Os motins dos sansculotte ilustram um momento de forte presença contra o governo em que as situações sociais eram tão sofredoras que resultavam em atitudes violentas e radicais. Acredita-se que o fato da posição de Esquerda buscar a troca do governo, considerando que os governos da época analisada nesta fase foram, em maioria temporal, ligados à Direita, leva ao aspecto revolucionário e violento geralmente ligado a este lado da dicotomia. A Direita pode ou não apoiar o governo, mas ela estará sempre defendendo os direitos dos indivíduos das classes avantajadas da sociedade, as instituições de poder, etc. Caso o governo atual seja baseado em ideais esquerdistas, a Direita pode tornar-se tão violenta quanto a Esquerda. Basta observar a atitude de Robespierre durante o reino do Terror.

Conclui-se então que a dinâmica desta sistemática de troca de significados que busca-se nesta pesquisa, na Revolução Francesa, não se constata. Tem-se apenas um processo com fases de acentuação e amenização da força e da atitude dos partidos políticos ligados à Esquerda ou à Direita; fases estas acompanhadas da violência quando em momentos críticos.

O Século XIX

A revolução Francesa, ao promover a queda do Antigo Regime, introduziu uma série de mudanças na Europa, que aderiu aos ideais revolucionários de liberdade, igualdade e fraternidade. Esses ideais, acompanhados por propostas de liberalismo, soberania popular e nacionalismo, acabaram se tornando as características mais significativas do processo histórico europeu ao longo do século XIX. Todavia, a opressão do regime imposto pelo Império Napoleônico gerou, de um lado, a reação das forças conservadoras - articuladas a partir do Congresso de Viena; e de outro, insuflou a organização de movimentos nacionalistas de caráter liberal em diversas regiões do continente.

(Pazzinato e Senise, 1995)

A época pós-Revolução Francesa é marcada pelas revoluções liberais de 1820 na Espanha, Itália, Grécia e em Portugal. Essas revoluções viriam a frutificar novas revoluções na década de 1830. Além disso, deve-se notar a importante formação da Santa Aliança como a primeira composição de um grupo voltado a defender os interesses da monarquia (direita) em âmbito internacional. De 1815 a 1830 a Santa Aliança desempenhou o papel de guardião internacional das tendências conservadoras em nome da “religião, da paz e da justiça”.

Em resposta à Santa Aliança, incita-se, na Europa, a força da oposição. Os ideais da Revolução Francesa são retomados articulados aos princípios do liberalismo, nacionalismo e do socialismo. As condições econômicas no continente propiciavam o cenário propulsor das revoluções de 1830 e 1848. Apesar de violentamente esmagados, os movimentos de 1848 representaram um marco histórico pela participação das grandes massas populares e por terem assegurado o poder político à burguesia em detrimento da aristocracia.

A manifestação constante da oposição neste período conseguiu ao poucos, mudar a face política da agora, conscientizada, Europa. O continente ficou nitidamente dividido em dois blocos: a Europa Ocidental e a Europa Oriental. Ainda não há qualquer indício desta divisão representar uma alusão literal aos conceitos de Esquerda e Direita. No entanto, ela demonstra claramente a constante batalha entre o liberalismo e o conservadorismo. O bloco da Inglaterra, França e Bélgica formava a Europa Ocidental liberal. Já, da outra

parte, estavam a Áustria, Prússia e Rússia como representantes da Europa Oriental conservadora.

Na França, a partir de 1848, a República burguesa é preenchida pelas disputas entre as diversas facções da burguesia, dividida por condições econômicas. Dessa forma, abriu-se caminho para o estabelecimento do Segundo Império Francês, através de um golpe de estado de Luis Napoleão Bonaparte. Durante o Segundo Império, o país voltou a ganhar destaque nas decisões políticas européias, ampliando suas colônias e gerando grande desenvolvimento. Entretanto, a má administração das políticas externas desse período resultou na queda de Napoleão III e na criação da Comuna de Paris.

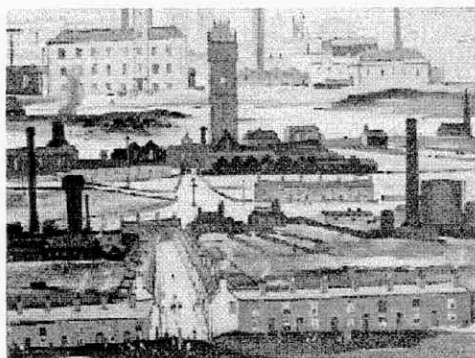
Em 1871, com a participação dos trabalhadores parisienses, foi organizada a Comuna de Paris, um governo revolucionário de tendências socialistas. Apesar de sua curta duração de dois meses, devido à violenta derrota sofrida para as forças reacionárias, a Comuna de Paris demonstrou a capacidade de coesão e organização dos operários, anunciando a importância que esta classe social assumiria nas décadas seguintes.

Revolução Industrial²

Mas, já fazia tempo que outros acontecimentos preparavam a base do socialismo e das idéias esquerdistas que viriam a se consolidar futuramente. Iniciada em 1815, a Revolução Industrial modificou o cenário Europeu a partir da Inglaterra de forma a alicerçar o crescimento dos futuros movimentos sociais e das idéias Marxistas.

De acordo com o historiador inglês, Eric Hobsbawn, “as transformações levadas a efeito pela Revolução Industrial inglesa foram muito mais sociais que técnicas, tendo em vista que é nessa fase que se consubstância a diferença crescente entre ricos e pobres.”

A Revolução Industrial, centralizando a produção em escala em grandes fábricas providas de diversas máquinas e caracterizadas por apresentarem condições sub-humanas de trabalho, causou enormes impactos econômicos, políticos e, ainda mais fortemente, sociais. Cita-se, a separação do ambiente de trabalho do de residência; a péssima qualidade de vida do operariado; a necessidade do trabalhador alienado vender sua força de trabalho para poder sobreviver; o processo crescente de acumulação de capital pelos capitalistas piorando a cada dia a distribuição de renda na Inglaterra; e , principalmente, o surgimento do proletariado como classe.



²Considerar-se-á desnecessário um aprofundamento nas causas e detalhes da Revolução Industrial por esperar estes pontos serem de conhecimento prévio do leitor.

Principais Movimentos Sociais Do Século XIX

O Movimento Ludista marcou em 1811 o primeiro movimento operário. Observando o fato de que a Revolução Industrial havia sido causada pelo advento das maquinas, os ludistas enxergavam nos equipamentos a responsabilidade pelas condições sub-humanas de trabalho. Assim, organizaram manifestações em que tentavam destruir as máquinas das fábricas. O terror espalhado pelos distritos industriais do centro da Inglaterra logo foi violentamente reprimido pela classe capitalista dominante com julgamentos sumários que terminaram em enforcamentos e exílios.

No entanto, a conscientização política da população européia iria gerar ainda muitas outras organizações de movimentos sociais. Dentre os mais significativos desta época deve-se notar o Cartismo, Sindicalismo, Anarquismo e o Socialismo Científico.

Após os ludistas, foram constantes as greves e rebeliões nas fábricas inglesas. Em 1824 os operários obtiveram o reconhecimento das *Trade Unions*, sindicatos locais representantes da classe trabalhadora. Em 1836 houve a organização da Associação dos Operários, líder do movimento cartista, que ficou conhecida por encaminhar diversas petições ao parlamento buscando meios de ampliar a participação política dos trabalhadores no país.

O movimento sindical preocupou-se em organizar associações de defesa e coordenação dos interesses econômicos e profissionais de todos que exercem atividades e profissões idênticas ou similares. Já, o Sindicalismo Revolucionário pregava que a única negação eficaz da ordem existente é a violência. A revolução, para estes, deveria apoiar-se na economia através de greves. O controle do governo não era o foco deste grupo, objetivava-se apenas o controle dos trabalhadores, dos meios de produção, distribuição e comércio.

O Anarquismo representava uma doutrina política defensora da abolição de qualquer governo formal. Seu surgimento deu-se na Rússia, durante a metade do século XIX. Este movimento, no entanto, não adquiriu substancial força internacional por ter sido derrotado pelos outros movimentos socialdemocratas e comunistas do período.

Estes movimentos social democratas e comunistas tinham raízes no Socialismo Científico cuja teoria propunha uma nova forma de conhecimento da realidade e de ação efetiva da classe trabalhadora. O principal articulador deste

movimento foi Karl Marx, que com a colaboração de seu amigo Friedrich Engels, lançou as bases do socialismo científico através de suas obras. Dentre elas: Manifesto Comunista (1848), Contribuição à Crítica da Economia Política (1859) e O Capital (1867).

Adam Smith e David Ricardo - Teoria Clássica Da Direita

A direita tem se apoiado na teoria de Adam Smith (1723-1790) seguida pelas idéias de David Ricardo (1772-1823). Da mesma forma que Marx, discutido em seguida, estes dois economistas viriam a influenciar os pensadores dos séculos XIX e XX.



(Adam Smith)

Através de sua principal obra, “Investigação sobre a Riqueza das Nações”, em 1776 Adam Smith propôs um modelo abstrato e completo para o funcionamento da economia capitalista que estabelecia relações lógicas em termos: das principais classes sociais (governantes, proprietários de terra, agricultores, camponeses, capitalistas e operários); dos diversos setores de produção; da distribuição da riqueza e da renda ; do comércio; da circulação da moeda dos parceiros da formação do preço e do crescimento econômico.

Smith defendia a tese de que o desenvolvimento tem como sua fonte de riqueza o trabalho produtivo, que quanto mais dividido melhor. A quantidade de riqueza produzida por um dado montante de trabalho, para ele, só dependia: 1. da quantidade de capital empregado 2. da tecnologia e da divisão do trabalho. Em uma sociedade que valorize o trabalho e os negócios, existirão instituições estáveis e leis adequadas à livre iniciativa. Ou seja, dados os incentivos, o capital se acumulará gerando crescimento da produtividade do trabalho. Essa maior produtividade leva à maior divisão do trabalho, aumento do emprego, aumento do nível do produto e resulta num crescimento econômico limitado

apenas pelo tamanho dos mercados. O crescimento demográfico, decorrência de um salário de mercado maior que o salário de subsistência, faz crescer também a massa salarial, gerando a ampliação da dimensão do mercado. Para se maximizar a riqueza das nações deve-se, portanto, dar liberdade para empreender e empregar; e não bloquear o desenvolvimento de novos mercados, a divisão do trabalho e a acumulação de capital.

O grande marco de Adam Smith refere-se à sua Teoria da Mão Invisível que tem a seguinte proposição: o interesse coletivo fica assegurado quando cada um em particular procura o melhor para si, ou seja, “A soma dos egoísmos privados é a virtude pública”.

A teoria da Mão Invisível que ajusta o mercado que é deixado livre fornece o fundamento do liberalismo e, mais tarde, do neoliberalismo. A estrutura de estratificação social em classes, a supremacia do capitalista em relação à exploração do trabalhador, a ausência do controle estatal e a forte marca da iniciativa privada levariam a uma economia auto-regulável e equilibrada.

(David Ricardo)

David Ricardo, seguidor das idéias de Smith, em “Princípios de Economia Política e de Tributação” defendeu duas teorias principais: a teoria dos rendimentos decrescentes da agricultura e a teoria das vantagens comparativas. Na primeira, o economista descreve a tendência de se ocupar terras cada vez menos férteis ao redor dos centros urbanos. Sendo assim, quanto mais longe



dos centros urbanos, maior o preço de mercado dos produtos. É através desta lógica que ocorre a acumulação de capital daqueles que estão em terras mais férteis e que portanto tem custos menores a este mesmo preço elevado das terras distantes. No entanto, não é o agricultor que receberá esta diferença chamada de renda diferencial, o seu lucro permanece o mesmo. Quem é beneficiado é o proprietário da terra e não o agricultor. Percebe-se aqui um ponto importante: os clássicos, não enfatizam a exploração dos trabalhadores pelos capitalistas - essas duas classes são, para eles, exploradas pelos senhores

da terra. Estes, vivendo de rendas, em face do monopólio assegurado pelo direito de propriedade, recêm parcelas crescentes do excedente do produto líquido sobre os custos de produção.

A segunda contribuição de Ricardo para a teoria da economia clássica de direita é a teoria das vantagens comparativas. Ele afirma que cada país deveria especializar-se naquelas produções que apresentassem vantagens comparativas de custo, proporcionando, portanto, vantagens para todos os países envolvidos no comércio mundial.

Num sistema comercial perfeitamente livre, cada país naturalmente dedica seu capital e seu trabalho à atividade que lhe seja mais benéfica. Essa busca de vantagem individual está admiravelmente associada ao bem universal do conjunto dos países. Estimulando a dedicação ao trabalho, recompensando a engenhosidade e propiciando o uso mais eficaz das potencialidades proporcionadas pela natureza, distribui-se o trabalho de modo mais eficiente e mais econômico, enquanto pelo aumento geral do volume de produtos difunde-se o benefício de modo geral e une-se a sociedade universal de todas as nações do mundo civilizado por laços comuns de interesse e de intercâmbio. Este é o princípio que determina que o vinho seja produzido na França e em Portugal, que o trigo seja cultivado na América e na Polónia, e que as ferramentas e outros bens sejam manufaturados na Inglaterra.

(Ricardo, 1982, p. 104 em Souza, 1997)

Enfim, para os economistas clássicos liberais, a harmonia individual produz a harmonia social, coletiva. Ao Estado caberia a função de preservar essa harmonia e a estabilidade social assegurando liberdade individual e o direito de propriedade. Isso seria feita atuando de modo geral em áreas sociais básicas, como segurança pública, saúde, e educação.

Karl Marx - A Teoria Clássica Da Esquerda

Nascido em 1818 na Renânia, região da Alemanha que fora anexada por Napoleão, Karl Marx sofreu grande influência não só dos ideais da Revolução Francesa como também do raciocínio Iluminista de seu pai. Mas, porque Marx tem tão fundamental importância no relato histórico deste estudo?

Acredita-se que, através de uma análise aprofundada da economia, política e da organização social da realidade da época, Marx estabelece a consolidação de uma ideologia socialista e comunista que viria, adiante, a ser o alicerce básico para a Esquerda num futuro em que a dicotomia analisada assumiria pontos de maior radicalização.

Além do mérito como economista, Karl Marx tem também reconhecimento por ter idealizado a formação de uma sociedade comunista após o declínio do capitalismo. Sua teoria defendia que o capitalismo continha em sua própria existência os elementos que levariam à sua destruição. Com base na teoria da mais-valia (em que o capitalista procura explorar ao máximo o trabalhador extraindo dele o lucro como sendo a diferença entre o tempo meramente suficiente para materializar no produto a força de trabalho do operário e o excedente de horas trabalhadas exigidas pelo capitalista) Marx previa um futuro obscuro a capitalismo. Para os donos diminuiria devido a transformações na composição orgânica do capital - a proporção do capital constante (materia-trabalho, maquinaria, etc.) (força de trabalho). Marx previa longo prazo para o capital, a taxa de lucro haveria maior progresso tecnológico, instrumentos de trabalho em relação ao variável, maior progresso tecnológico, fundo de salários. Além disso, o exército de reserva (desempregados) garantia uma oferta constante de mão-de-obra que estabelecia um teto salarial baixo. Assim, com salários nominais insuficientes, o padrão de vida dos trabalhadores atinge patamares sub-humanos, e impossibilita o consumo. A demanda pelos bens produzidos cai, gerando a crise do sistema capitalista que leva ao seu fim.



A disciplinada organização da produção centralizada nas fábricas vai, ironicamente, proporcionar a facilidade de união dos trabalhadores. Assim, com o crescimento da força do proletariado estabelece-se a revolução.

Revolução esta não necessariamente violenta. O problema é que os governos geralmente representavam o poder armado contra o proletariado, exigindo uma reação armada também por parte da classe trabalhadora. Em seguida, os meios de produção são desapropriados seguindo as indicações do socialismo. Então, instaura-se uma sociedade igualitária, sem classes sociais, abrindo espaço para o regime comunista.

Buscando definir o comunismo segundo Marx, cita-se um conhecido trecho de *A Ideologia Alemã* do autor:

Na sociedade comunista, onde ninguém possui uma esfera de atividade específica, mas onde cada um pode se realizar em qualquer campo que deseje, a sociedade regulamenta a produção geral e, assim, possibilita-me fazer uma coisa hoje, outra amanhã, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar rebanhos ao escurecer, fazer crítica após o jantar, como eu quiser, sem jamais tornar-me caçador, pescador, pastor ou crítico. Essa fixação de atividade social, essa consolidação daquilo que nós produzimos num poder objetivo acima de nós, escapando ao nosso controle, frustrando nossas expectativas, baldando nossas estimativas, é um dos principais fatores do desenvolvimento histórico até agora.

O corolário político da eliminação da divisão do trabalho na sociedade comunista era o desaparecimento do Estado. Marx declarou claramente:

Assim que o objetivo do movimento proletário - a abolição das classes - tenha sido atingido, desaparecerá o poder do Estado, cuja função é manter a grande maioria dos que produzem sob o jugo de uma pequena minoria de exploradores, e as funções governamentais se transformarão em simples funções administrativas.

Enfim, cita-se mais um trecho de Marx de forma a descrever e resumir a meta definitiva do comunismo:

Numa fase mais elevada da sociedade comunista, depois de desaparecer a subordinação escravizante do indivíduo à divisão do trabalho, e com ela também a antítese entre trabalho intelectual e trabalho físico; depois de o trabalho tornar-se não apenas um modo de vida mas a necessidade

primeira da vida; depois de as forças produtivas também aumentarem juntamente com o desenvolvimento geral do indivíduo, e todas as fontes de riqueza cooperativa fluírem mais abundantes - só então o esterito horizonte do direito burguês poderá ser cruzado por inteiro e a sociedade poderá inscrever em sua bandeira: De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo sua necessidade!

Outra grande responsabilidade de Marx além da fundamentação da ideologia esquerdista, foi a formação de um movimento operário internacional. A Associação Internacional dos Trabalhadores, concebida por Engels e Marx, foi organizada em 1864 sob a forma de *Primeira Internacional*. faziam parte dela tanto os sindicatos ingleses como representantes de trabalhadores da França, Hungria, Itália e Polônia. No entanto, em 1876 a Primeira Internacional dissolveu-se sem atingir a massa proletária e sem concretizar seus propósitos devido a conflitos entre Marx e outros líderes. A *Segunda Internacional* veio em 1889 e obteve êxito em estabelecer o Dia Internacional do Trabalho (1º de maio) e em adotar a greve geral como estratégia de luta. A Primeira Guerra Mundial, no entanto, levaria a desintegração do grupo. Uma nova reunião da Terceira Internacional só se daria após a Revolução Russa de 1917.

Destaca-se neste estudo a importância da figura de Karl Marx como elemento crucial para a construção da ideologia socialista e comunista que seria adotada como posição política de muitos daqueles que sustentariam, mais adiante, o lado Esquerdo da dicotomia questionada neste trabalho. Foi então, por este motivo, que buscou-se apresentar, mesmo que superficialmente, um pouco das teorias deste homem que pode ser descrito como economista, filósofo, político, jornalista, historiador e até mesmo, profeta.

Conclusão Século XIX

Por fim, deixa-se a um trecho do artigo “Esquerda e Direita? Coisas do Passado” de Adriano Silva, material inspirador deste trabalho, a retomada e a finalização das idéias do século XIX apresentadas acima:

Ideários Distintos - Já no século XIX, quando a maioria dos países havia trocado a monarquia de base feudal pela república baseada no liberalismo, direita passou a representar a defesa dos valores ditos burgueses, como a família, a tradição, a Igreja e a propriedade. E esquerda, a crítica a esses valores. Quando os projetos do comunismo e do capitalismo passaram a disputar a hegemonia política e econômica do planeta, no século XX, a denominação de esquerda coube aos marxistas e a direita aos liberais. Esquerda passou a significar o projeto de modificação radical da estrutura social e do sistema econômico instituídos nas sociedades capitalistas. Seu ideário reivindicava a precedência do trabalho em relação ao capital, do governo em relação ao mercado, do estado em relação à iniciativa privada. E direita tomou significado de manutenção do status quo com reformas na estrutura social e no sistema econômico que não alterassem a correlação de forças estabelecidas. Seu ideário advogava a primazia do capital em relação ao trabalho, do mercado em relação ao governo, da iniciativa privada em relação ao estado.

Esquerda e Direita : Socialismo vs. Capitalismo

A Revolução Russa

Aqui começa a fase de contradição acentuada entre comunismo e capitalismo representados pela dicotomia debatida: Esquerda x Direita.

A 1ª Guerra Mundial deixara dores, miséria e tristeza. Não se acreditava mais no sistema vigente. Era mais fácil enxergar tudo como “dores e convulsões do parto de um novo mundo”. Esse novo mundo viria através de uma antagônica ao velho mundo capitalista: o socialismo. “Dizem que os socialistas vão fazer a paz”, diziam as cartas de soldados austro-húngaros. (Hobsbawn, pg. 66)

A fragilidade deixada pela guerra fez a Revolução Russa. A defesa da democracia dependeu de uma aliança “bizarra” entre o comunismo e o capitalismo que deu forças ao à Rússia socialista. Neste processo, os regimes czaristas caíram, assim como o da Rússia que foi substituído por um frágil governo provisório. Os soviets – conselhos de deputados operários- tendo surgido em 1905, estavam em constante expansão de seu poder. Sob a liderança de Lenin, foi estabelecido, através da Revolução de Outubro de 1917, que o Conselho de Comissário do Povo, coordenador de todos os soviets russos, deteria o poder de governo da nação. A promessa de “Pão, Paz e Terra” dos bolcheviques havia sabido captar as necessidades e apelos do povo ao contrário dos outros governos czarista e provisório, anteriores.

Então, deve-se considerar qual a natureza da amplitude pretendida pela Revolução de Outubro. Serviria a revolução citada apenas como gatilho para uma tomada global do socialismo? Não se pode deixar desconhecida a Revolução Civil russa (1918 a 1920) quando aliados apoiaram regimes contra-revolucionários “brancos” contra o exercito “vermelho” de Lenin. Era uma intervenção internacional ao pavor do movimento comunista em suas raízes. Embora imprevisível, o vermelho dominou o branco. Muitos regimes revolucionários do século XX viriam a adotar alguma forma do socialismo. Porém, a revolução mundial do socialismo não ocorreu conforme as

Internacionais de Karl Marx desejava. A Rússia ficou atrasada tecnológica e industrialmente. Entretanto, existia agora um governo comprometido, determinado, disciplinado. Um movimento internacional comunista havia se enraizado.

A Crise de 1929 e a Grande Depressão

Em contrapartida, o capitalismo enfraquecia-se. Buscando evitar conflitos mundiais visto a magnitude do estrago da guerra, as nações se fecham para os movimentos internacionais. É época de nacionalismo. Respeitando o Tratado de Versailles, a Alemanha viu-se obrigada a pagar pelos reparos da França principalmente, sem ter estrutura e nem atividade econômica para isso. Os EUA tornam-se assim os poderosos credores mundiais. Estabelece-se um ciclo vicioso de acumulação de dívida dos alemães com os Americanos para financiar os franceses. Então, vêm a hiperinflação e o desemprego tedesco. Em 1929 a quebra de Wall Street, uma falha do mecanismo do crédito, teve profundos impactos na economia mundial justamente devido ao ciclo econômico (EUA-Alemanha-França) que se havia criado. Enquanto isso, a URSS apresentava-se imune à crise, sem desemprego e com crescimento acelerado. Diz-se que o planejamento era o grande responsável pela positiva situação russa. Essa foi a inspiração dos governos planejados que viriam no futuro.

John Maynard Keynes – Uma Alternativa

Em meio a tudo isso, um economista britânico chamado John Maynard Keynes começou a ser ouvido. Suas críticas ao Tratado de Versailles, registradas no “The Economic Consequences of the Peace” (1919) o tornaram famoso da noite para o dia e afetaram de público ao tratado. Durante a crise de 1920, insistiu em culpar as políticas econômicas conservadoras pelo mau desempenho da economia britânica. A partir de então, desenvolveu uma nova teoria de determinação de renda apoiada na função do consumo; na preferência de liquidez da teoria dos juros; e na inflexibilidade monetária dos salários.



As crises de desemprego inspiraram duas de suas grandes obras: “A Treatise on Money” (1930) e a revolucionária “General Theory of Employment, Interest and Money” (1936). Ele argumentava que o pleno emprego não era uma condição automática, apresentava uma nova teoria de taxa de juros, e lutava contra a visão do Tesouro de que o desemprego era um mal incurável.

O desemprego, conforme Keynes expôs, existia devido a uma deficiência na demanda por bens e serviços. O governo, então, deveria superar essa deficiência através do ajuste de seus gastos. O investimento também poderia ser influenciado pelo controle monetário e da taxa de juros. Os ciclos econômicos seriam melhorados pelo afinamento macro-econômico. Keynes também acreditava que o combate ao desemprego em massa era essencial à estimulação das economias agora em recessão, além de ser necessário à manutenção da ordem política e social do país. O temível desemprego poderia ser eliminado através de políticas monetárias e fiscais adequadas.

Keynes propunha a heterogeneidade dos agentes econômicos, quando o sistema liberal se baseava justamente na homogeneidade desses agentes para justificar a livre competição. A crença de competição perfeita dos governos liberais mostrava-se não fundamentada com o crescimento da concentração de capital por imensas corporações, como havia já previsto Marx. Keynes afirmava ser necessária a criação de instituições internacionais que fariam a regulação entre os agentes econômicos por ele admitidos como heterogêneos.

Citando alguns trechos do The Economic Consequences of Peace, escrito por John Maynard Keynes em 1919:

By directing hatred against this class, therefore, the European governments are carrying a step further the fatal process which the subtle mind of Lenin had consciously conceived. The profiteers are a consequence and not a cause of rising prices. By combining a popular hatred of the class of entrepreneurs with the blow already given to social security by the violent and arbitrary disturbance of contract and of the established equilibrium of wealth which is the inevitable result of inflation, these governments are fast rendering impossible a continuance of the social and economic order of the nineteenth century. But they have no plan for replacing it.

Além de ter oferecido importantes conselhos ao Tesouro britânico, Keynes também teve relevante papel na composição da economia planejada da administração “New Deal”, do presidente americano Roosevelt. Ele também teve influência central na Bretton Woods Conference (1944), onde foram criados o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Suas contribuições para a economia foram de tamanha importância que a época do boom de 1945 a 1975, dos países ocidentais, vem sendo chamada de Era Keynesiana.

The treaty includes no provisions for the economic rehabilitation of Europe — nothing to make the defeated Central empires into good neighbours, nothing to stabilise the new states of Europe, nothing to reclaim Russia; nor does it promote in any way a compact of economic solidarity amongst the Allies themselves; no arrangement was reached at Paris for restoring the disordered finances of France and Italy, or to adjust the systems of the Old World and the New.

(...)

The danger confronting us, therefore, is the rapid depression of the standard of life of the European populations to a point which will mean actual starvation for some (a point already reached in Russia and approximately reached in Austria). Men will not always die quietly. For starvation, which brings to some lethargy and a helpless despair, drives other temperaments to the nervous instability of hysteria and to a mad despair. And these in their distress may overturn the

remnants of organisation, and submerge civilisation itself in their attempts to satisfy desperately the overwhelming needs of the individual. This is the danger against which all our resources and courage and idealism must now co-operate.

(Internet, extraído do site The Memory Hole)

Enfim, a figura de Keynes tem contribuição apreciável a este trabalho, pois pela primeira vez um terceiro sistema que não o comunismo e nem o capitalismo, estava sendo proposto. Este economista, com enorme lucidez, observou e criticou ambos os sistemas e apresentou ao mundo uma opção diferente de política econômica que viria a conquistar muitos dos líderes deste século. O capitalismo foi, no mínimo, reformado com sua contribuição.

Cenário Político Mundial Pós-Depressão

Trata-se de uma catástrofe que destruiu toda a esperança de restaurar a economia, e a sociedade, do longo século XIX. O período de 1929 – 1933 foi um abismo a partir do qual um retorno a 1913 tornou-se não apenas impossível, como impensável. O velho liberalismo estava morto, ou parecia condenado. Três opções competiam agora pela hegemonia intelectual-política.

A ESQUERDA

*1. O comunismo marxista era uma. Afinal, as previsões do próprio Marx pareciam estar concretizando-se,...) e a URSS parecia imune à catástrofe;
(...)*

O CENTRO

*2. Um capitalismo privado de sua crença na otimização de livre mercados, e reformado por uma espécie de casamento não oficial ou ligação permanente com a moderada social-democracia de movimentos trabalhistas não comunistas; (...)
Uma teoria alternativa à economia de livre mercado em bancarrota estava em elaboração. Keynes propunha uma prática de governo alternativa, a direção e administração macroeconômicas da economia mundial com base na renda nacional.
(...)*

A DIREITA

*3. A terceira opção era o fascismo, que a Depressão transformou num movimento mundial, e mais objetivamente, num perigo mundial. (...)
A medida que crescia a maré do fascismo com a Grande Depressão, tornava-se cada vez mais claro que na Era da Catástrofe não apenas a paz, a estabilidade social e a economia, como também as instituições políticas e os valores intelectuais da sociedade liberal burguesa do século XIX entraram em decadência ou colapso.*

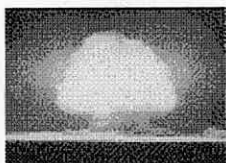
Contra o Inimigo Comum

A tendência era clara: em 1920, existiam 35 governos constitucionais e eleitos; em 1938 passaram a ser apenas 17, e em 1944, esse número chegou a 12, de um total de 65 governos. A democracia estava enfraquecida com a crise e a depressão. A grande ameaça vinha da direita. Nenhum regime foi derrubado por uma força de esquerda nesta época. Assim, aqueles que apontam a direita como sendo a representante da manutenção do regime e a esquerda como sendo sempre a contestadora, perdem a validade de suas afirmações com a constatação deste cenário.

Essa força da direita apareceu como resposta ao perigo da revolução social e ao leninismo. Os soldados frustrados em seus pretendidos heroísmos ainda tinham latentes sua brutalidade e buscavam uma nova guerra com otimismo. Pairava ainda o ressentimento quanto a situação de penalidade imposta a Alemanha após a primeira guerra mundial. Existia a necessidade de defesa contra a agitação revolucionária do pós-guerra. A força operária havia se fortalecido e representava a esquerda a ser combatida. Os cidadãos estavam descontentes e desorientados pela grande depressão, o desemprego era absurdo.

Basicamente, todos os regimes de direita surgidos eram contra a revolução social; eram reacionários anacrônicos pragmaticamente autoritários e hostis às instituições liberais; exaltavam o nacionalismo; favoreciam os militares; e promoviam a polícia. O fascismo diferenciou-se dos outros regimes de direita porque buscou sua força justamente nas massas populares reprimidas e contrariadas por eles. Apesar de o fascismo ter acontecido em diversos países como Hungria, Espanha, Romênia, Finlândia, Bélgica e Eslováquia, dentre outros, a Alemanha de Hitler é, sem dúvida, a grande representante do fascismo tendo sido inspirada pela Itália de Mussolini. O Japão juntou-se ao eixo por ter uma cultura imperialista com valores muito similares aos do fascismo: superioridade racial, fortes valores nacionais, sociedade hierarquizada, e rejeição aos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Já, a hegemonia da tradição revolucionária impediu o surgimento o fascismo na Grã-Bretanha, nos EUA e na França.

O fascismo dos valores
contra revolução, da
pesquisa científica
foi de ótima serventia para



tradicionais, da revolução da
modernidade tecnológica e da
comprometida à sua ideologia
os detentores do capital. Ele

acabou com os movimentos operários esquerdistas, eliminou os sindicatos, justificou e instaurou uma cultura de autoridade e superioridade utilizada pelos líderes das empresas alemãs e modernizou as indústrias. O fascismo ganhou importância como uma poderosa corrente global devido a posição da Alemanha como relevante país do continente europeu. Assim como a URSS também tinha em seus 1/6 de terras mundiais uma das razões para o pavor de seu regime comunista.

Em 1930 havia uma guerra civil ideológica internacional não entre o capitalismo e o comunismo, sempre tido como inimigos, mas entre o Progresso e a Reação, afirma Hobsbawm em O Breve Século XX. Essas duas facções não configuravam extremos necessariamente opostos. Havia de um lado o fascismo progressista buscando a modernização e expansão territorial de seus países. De outro, havia o grupo dos vencedores da 1ª Guerra Mundial que estavam passivos e recuados temendo enfrentar novos problemas como os da guerra apenas superada. A única a opor-se claramente à Alemanha nazista foi a URSS e por isso começou a ganhar popularidade e respeito.

A Revolução Espanhola então viria para iniciar uma gradual organização de nações capitalistas e comunistas contra um inimigo comum que era o fascismo. Juntavam-se Stalin, Roosevelt, e Churchill com o objetivo de defender a democracia abalada por Hitler. A esquerda comunista, ao demonstrar maior capacidade de resistência, assiste ao auge de seus movimentos entre 1945 e 1947. Essa resistência estava fundamentada no poder de mobilização internacional e na dedicação à causa dos comunistas.

Entretanto, nenhum regime comunista surge nesta época justamente por falta de apoio da URSS. Stalin havia decidido focar-se no desenvolvimento interno do comunismo. Ele acreditava que, globalmente, era hora de adotar uma política antifascista abrangente capitalistas e comunistas dentro democracia” do pós-guerra. Comunista nos EUA em 1944 e Não havia mais a pretensão de mundial. Mesmo assim, a

que faria coexistir sistemas de um “novo tipo de Stalin dissolveu o Partido o Comintern em 1943. uma revolução comunista maioria dos sistemas que sofreram transformações após a Segunda Guerra Mundial inclinavam-se para a esquerda como visto através da volta dos republicanos aos EUA e a eleição do Partido Trabalhista na Grã-Bretanha. No Oriente, essa tendência ao esquerdismo veio junto com os movimentos anti-imperialistas que viam o fascismo como um obstáculo à libertação das colônias representado pelo Japão



que fazia parte do Eixo. O esforço de Mao na China é um dos grandes modelos de comunismo a ser citado.

O fascismo fortaleceu o comunismo como explicitou-se acima, porém é importante ressaltar a enorme força ganha pela URSS ao ser a única nação capaz de derrotar a Alemanha e garantir a defesa da democracia. Voltam então as idéias iluministas e revolucionárias. Sem dúvida, um dos grandes marcos da Segunda Guerra Mundial foi o fim de imperialismos que vinham sendo enfrentados desde do Século XVIII.

Agora, sem o fascismo como o inimigo comum, o comunismo e o capitalismo retomam seus lugares na bipolaridade da Esquerda x Direita, que teria seu ápice na história da Guerra Fria.

A “grande aliança”, para retomarmos a expressão churchbulliana, entre o Oeste e o Leste foi provocada pela agressão da Alemanha contra a União Soviética: imposta pelas circunstâncias, não decorria dos sistemas e nem dos sentimentos; era a oposição inscrita na natureza dos regimes e de sua filosofia. Os antagonismo tinham sido momentaneamente disfarçados pelas necessidades da luta contra o inimigo comum e pelas ambigüidades do vocabulário, pois os dois campos usavam mais ou menos os mesmos termos, embora lhes emprastassem significados diferentes. Um e outro se pretendem democráticos, mas se referem a duas noções de democracia. Para o Oeste, sendo o desabrochar das liberdades individuais herdadas dos regimes liberais, a democracia implica o pluralismo das opiniões públicas e das formações organizadas. Para o Leste, pondo em destaque a justiça que deve ser instaurada e a igualdade que deve ser promovida, a democracia acarreta a suspensão das liberdades individuais: em lugar de tolerar o pluralismo, identifica-se com o monopólio de um partido que exerce uma ditadura absoluta.

(RÉMOND, pg. 143-144)

A Guerra Fria

O Auge da Oposição entre Esquerda e Direita

Este foi o período de ápice da bipolaridade dos sentidos de Esquerda e Direita na história como sendo reflexos de desentendimento entre duas nações, dois regimes, duas ideologias. Este foi o período da Guerra da Coreia, do episódio na baía dos Porcos, da Guerra dos Mísseis, da quebra do muro de Berlim ...

Da Segunda Guerra Mundial surgiram os monstros que iriam travar a batalha criada entre o socialismo e o capitalismo. O problema, a causa da rixa pode ir muito além do simples conflito de sistemas, mas ao que o mundo assistia era a Guerra Fria. Não se sabia ao certo se o anticomunismo alimentava o patriotismo americano ou se o patriotismo americano alimentava o anticomunismo. Enfim, o fato é que, entre 1945 com a Primeira Conferência de Genebra, e 1989 com a derrubada do muro de Berlim, duas nações estavam fortemente armadas com bombas atômicas disputando a hegemonia mundial. Os EUA estavam tendo sua hegemonia desafiada pela chegada de uma nova potência que tinha sido única na derrota de Hitler.



A partir de 1989, o desafiante URSS, sob a liderança de Gorbachov, foi perdendo sua característica leninista-marxista. Em 1991 Letônia, Lituânia e Estônia reconquistaram sua independência. Em seguida foi criada a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), decretando o fim da potência URSS.





Esquerda e Direita Hoje

Para apresentar uma nova proposta política que oferece uma alternativa ao liberalismo, reproduz-se aqui um artigo “O Estado do Futuro” de Claudia Costin, Ministra da Administração Federal e Reforma do Estado do Brasil, publicado no Jornal do Brasil em 22 de setembro de 1998.

(...) O que tem começado a ficar claro é que a eficiência – ou a falta dela – não é exclusividade dos mercados, e que os governos têm um papel importante a desempenhar no mundo globalizado. As ações na área social mostram que não estão certos os que pretendem transformar em peças arqueológicas muitas das preocupações que ocuparam a agenda da esquerda mesmo em anos mais remotos, pois é a ela que Tony Blair se refere quando afirma que “a nossa agenda vai dar nova forma à vida das pessoas”. O grande desafio da social-democracia está hoje em conciliar os espaços que cabem a Estados e mercados. Os mercados estão de fato mais habilitados a administrar serviços públicos, mas o Estado permanece como o ente regulador capaz de garantir o cumprimento de metas de eficiência e de impedir a formação de monopólios privados.

A realidade é que o Estado, desde que bem administrado, pode ser tão eficiente na sua esfera de atuação quanto uma empresa privada. E não se trata de cortar custos, como muitos supõem. A questão não é gastar menos e sim gastar melhor. (...) Os governos, desde que submetidos a um intenso processo de reinvenção são os únicos agentes capazes de assegurar projetos essenciais em áreas como saúde, educação, habitação, segurança, preservação do meio ambiente, comércio exterior, política industrial etc. E isso obedece, naturalmente, a uma evidência inquestionável: a lógica do lucro, que baliza o movimento dos mercados, não serve como bússola para orientar a ação do Estado. Os governos têm de estar – ou ao menos deveriam – voltados para demandas como as que mobilizaram os integrantes dos movimentos de esquerda em sua juventude, nos já remotos anos 60 ou 70. Estas demandas estão longe de estar mortas, como faz supor o ideário liberal. (...)

Como podemos descrever e enquadrar os significados de Esquerda e Direita no contexto global atualmente vivido?

Esta pergunta foi enviada para duas das figuras representantes de posições políticas opostas: Frei Betto (Esquerda) e Dr. Roberto Campos (Direita).

Infelizmente, a resposta do Dr. Campos não foi obtida a tempo de cumprir com o prazo de entrega deste trabalho. No entanto, caso essa resposta venha em curto prazo, ela será anexada ao Relatório Final.

Resposta do Prof. Emir Sader, cientista político, professor da UERJ, representante do Frei Betto. O Frei Carlos Alberto Libânio Christo Betto é frade dominicano, estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. É escritor e consultor do MST e do PT, como articulista, escritor e intelectual já recebeu diversos prêmios. Frei Betto tem 38 livros publicados em diversos idiomas. Sua posição política é uma que hoje se enquadra do lado da Esquerda.

As diferenças são tão grandes e radicais, que poderíamos toma-las de diferentes maneiras. Por exemplo, da forma clássica: a direita prefere a ordem ao combate à injustiça. A esquerda privilegia o combate à injustiça por cima da manutenção da ordem. Por isso, a direita é conservadora, a esquerda progressista. Poderíamos também tomar pela naturalização da pobreza e das desigualdades que faz a direita, até mesmo fazendo a apologia da desigualdades, como forma de incentivar a competitividade. A esquerda luta pela igualdade, sabe que as desigualdades foram produzidas historicamente e, por isso, podem e devem ser historicamente destruídas. É também possível, hoje, distingui-las porque direita é pela desregulamentação econômica, isto é, pela livre circulação do capital, enquanto a esquerda zela pela regulamentação, através da qual a sociedade pode, democraticamente, decidir suas prioridades. Em suma, a direita cuida de que o sujeito do capitalismo, o capital, se mantenha como agente fundamental na vida dos homens. A esquerda luta por um tipo de sociedade humanista, que, hoje, significa uma sociedade do trabalho não alienado, em que seja garantido para todos o direito ao trabalho, que todos vivam do seu trabalho e, por tanto,

ninguém explore o trabalho do outro. Isto é, uma sociedade socialista, que prepare as condições de uma sociedade sem classes e sem Estado, uma sociedade comunista.

Afinal, ainda é válido falar de Esquerda vs. Direita ?

Conclusão

Acompanhou-se, a longo de todo este relato, a constante mudança de significados atribuídos aos conceitos de Esquerda e Direita. Eles nascem definidos, mas logo em seu próprio berço iniciam o processo de adaptarem-se à realidade momentânea.

Povo contra burgueses, revolucionários contra reacionários, comunistas contra capitalistas, socialismo contra liberalismo, terceira via contra, será contra?, liberalismo social. A dicotomia chegou até a representar a causa para uma possível guerra nuclear ...

Mas, quais as definições atribuídas a estes conceitos tendo sido eles objeto de estudo de diversos políticos, economistas e intelectuais? Nesse espaço seguinte serão citadas algumas das definições elaboradas a fim de desvendar o mistério que roteiriza este relato.

A Solidez da Dicotomia

Após detalhado estudo dos diversos significados apropriados pelos conceitos de Esquerda e Direita como posições políticas desde o surgimento desta dicotomia, conclui-se pela validade das denominações “Esquerda” e “Direita” ainda hoje. Este conceitos ganharam vida própria por serem adaptáveis a qualquer realidade político-econômico-social vivida. Acontece hoje que um indivíduo “esquerdista”, por exemplo, pode ser muitas coisas dependendo do contexto dentro do qual ele vive. Se estamos no Brasil há quem pensaria que ele é do PT, alguns até tenham a idéia de sugerir que ele faça parte da facção Serra do PSDB; se este mesmo indivíduo vive em Cuba ele é representante de Fidel Castro; se ele está nos EUA, ainda pode ser que encontre patriotas envoltos na bandeira americana que o chamem de comunista vermelho; se o indivíduo esquerdista estiver na Inglaterra, haverá uma dúvida: isso quer dizer que ele apoia Blair ou que ele é socialista (ainda restam os idosos com ideologia do começo e meio do século.)

Estamos no fim do século, no fim de um milênio, dizem. Se falamos em Esquerda e Direita sempre nos entendem, cada qual de sua forma, mas sempre aceitam essas palavras como símbolos de certas posições política. O que vivemos atualmente, com o fim da URSS, o advento da globalização via supremacia do mercado financeiro e a criação do Euro, por exemplo, é reflexo do constante processo de mudança de cenários que experimentamos desde o início da civilização. A dicotomia já está incorporada no sistema de identificação de posições que fazem parte desse processo constante vivido. A linha traçada entre a

Esquerda _____ e a Direita,

é absolutamente dinâmica e mutante. A cada dia uma posição política representada por um ponto ao longo dessa linha adapta seu conteúdo à realidade que não pára de mudar. O nome dado a identificar essa posição política “Esquerdista ou Direitista ou de Centro”, acompanha essa adaptação e torna-se reciclável.

Bibliografia

ARON, Raymond. Dezoito Lições Sobre a Sociedade Industrial. Brasília, Martins Fontes, Editora Universidade de Brasília, 1981.

Bell, Daniel – O Fim da Ideologia

BOBBIO, Norberto. Direita e Esquerda - Razões e Significados de uma Distinção Política. (Tradução de Marco Aurélio Nogueira). São Paulo. Editora UNESP, 1995.

Campos, Roberto – Ensaio Contra a Maré

Coelho, Marcelo – “Brasil redefine noção de esquerda e direita” em Folha de S. Paulo, 09 de junho de 1995

CORZINE, Phyllis. The French Revolution. California. Lucent Books, 1995

Duverger, Maurice – As Modernas Tecno-Democracias

Fabra, Paul – Capitalism versus Anti-Capitalismo : the Triumph of Ricardian over Marxist Political Economy

Fukuyama, F. – O Fim da História

Galbraith, John Kenneth – Capitalismo, Comunismo e Co-Existência: de um passado amargo a esperanças melhores

Huntington, S. – O Choque das Civilizações

MCLELLAN, David. As Idéias de Marx. (Tradução de Aldo Bocchini Neto) São Paulo, Editora Cultrix, 1975.

PAZZINATO, Alceu Luis e Maria Helena Valente Senise. História Moderna e Contemporânea. São Paulo. Editora Ática, 1995.

Quinet, Edgard – La Gauche et la Revolution Française au Lileu du XIXeme Siècle

Silveira, André – “Esquerda e Direita? Coisas do Passado” - em revista Exame, 04 junho de 1997

SOUZA, Nalil de Jesus de. Desenvolvimento Econômico. São Paulo. Editora Atlas, 1997.

Sweezy, Paul M. – Do Feudalismo ao Capitalismo